



INVESTIGACIÓN/RESEARCH

Recibido: 12/10/2014---Aceptado: 17/11/2014---Publicado: 15/12/2014

**O “ESTADO DA ARTE” DAS RELAÇÕES PÚBLICAS E DA
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL:
PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU
UMA PRIMEIRA ABORDAGEM**

**EL “ESTADO DEL ARTE”* DE LAS RELACIONES PÚBLICAS Y DE
LA COMUNICACIÓN ORGANIZACIONAL:
PORTUGAL EN EL CONTEXTO EUROPEO
UN PRIMER ENFOQUE**

THE “STATE OF THE ART” OF PUBLIC RELATIONS AND
ORGANIZATIONAL COMMUNICATION:
PORTUGAL IN THE EUROPEAN CONTEXT
A FIRST APPROACH**

AUTORA

Anabela Ferreira Félix Mateus

Investigadora FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia

Investigadora no LABCOM – Laboratório de Comunicação e Conteúdos Online

Universidade da Beira Interior

anabela.mateus@netcabo.pt

CURRÍCULUM VITAE

- Fevereiro 2013- Investigadora Integrada no LABCOM- Laboratório de Comunicação e Conteúdos Online da Universidade da Beira Interior
 - 2010-2012- Investigadora Convidada em pós-doutoramento de Ciências da Comunicação no Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Artes da USP e no Departamento de Letras, Artes e Comunicação do Centro de Estudos Linguísticos da UTAD, como bolsista de Pós-doutoramento da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia), patrocinada por Fundos Europeus. Prossegue projeto de parceria entre Portugal e Brasil intitulado *“Comunicação Organizacional: ciência ou aplicação empírica? – um estudo comparado do estúdio da disciplina entre o Brasil e Portugal”*
 - 2009 - Desde Janeiro passa a fazer parte do vasto grupo de Investigadores Integrados da FCT
 - 2009 - Doutoramento em Ciências da Informação – Comunicação Empresarial-pela UCM com a Tese *“Consecuencias de la comunicación interna: empresas aseguradoras en Portugal”*. Avaliada com Sobresaliente *“Cum laude”*.
 - Mestre e Licenciada pelo ISCSP da UTL
 - 1997 - Defendeu Dissertação de Mestrado com tema: *“Relações Públicas em Hotelaria: uma perspectiva da Qualidade”*. Publicada pelo ISCSP-UTL (1999). Trata-se da primeira dissertação sobre Relações Públicas e Comunicação Empresarial realizada e publicada no País - Revista Estudos Políticos e Sociais.
 - Licenciada em Comunicação Social com as especializações de R.P., Publicidade e MK (1985); Jornalismo (1986)
 - Docente do Ensino Superior desde 1986 até 2001 em Ciências da Comunicação e Ciências Sociais – Comunicação Empresarial, Marketing, Relações Públicas, Métodos e Técnicas da Comunicação Social, Jornalismo, Metodologia de Investigação em Ciências Sociais, Sociologia da Empresa. Com vertente na área do Turismo e Hotelaria.
- Assistente-1986-1988

Assistente c/Regência-1988-1997

Prof. Auxiliar Convidada- 1997-2002

1992-1998 -Técnica Superior em Gabinete de Relações Externas em Instituto de Ensino Superior Privado

Desde 1989 - Conferências, Palestras, Comunicações e Seminários sobre Relações Públicas, Relações Públicas em Serviços Hoteleiros, Comunicação na empresa, Comunicação Estratégica, Comunicação e fusões empresariais, Comunicação e Saúde, Protocolo empresarial

Desde 1992 - Variadas publicações científicas e técnicas no âmbito da Comunicação empresarial, Comunicação Interna, Relações Públicas, Relações Públicas em Serviços, Comunicação Estratégica, Comunicação e fusões empresariais

RESUMEN

En el presente artículo analizamos los cambios que las Relaciones Públicas y la Comunicación Organizacional han sufrido a lo largo de los años en Portugal y su integración en Europa.

Realizamos un análisis en la Enseñanza Superior en Portugal y comparamos el panorama ante y post Bolonia. Nos focamos en disertaciones de Máster y tesis de Doctorado.

Analizamos el ámbito asociativo-profesional y el papel de la academia en las asociaciones.

Intentamos conocer la actualidad de la Consultoría en el País.

Recurrimos a plantillas teóricas de investigación en el acompañamiento de la evolución de las Ciencias de la Comunicación que fundamentan hoy una ciencia compleja conjunta de campos teóricos y empíricos.

Nos basamos en el análisis documental, entrevistas y experiencia personal.

Hacemos análisis aplicado sobre la investigación realizada con disertaciones de Master y tesis de Doctorado, post-Bolonia.

En términos de Conclusiones entendemos que las RP se mantienen carentes de definición.

Encontramos designaciones con definiciones y tratamiento científico en el ámbito de las Ciencias de la Comunicación y de la Gestión, utilizadas indiscriminadamente en la práctica de la gestión empresarial, con diversas tareas atribuidas.

Relativamente a la investigación y producción científica, la estructuración traída por el proceso de Bolonia proporcionou un aumento de investigación con realización de disertaciones de Master e incentivo a doctorados por parte del cuerpo docente activo com financiaciones generadas. Pero son proyectos individuales vigentes, com focos de interés reducido y puntual, muchas veces solapados en distintas unidades de investigación, con falta de interés científico global.

El presente estudio contempla la profundización y la fundamentación científica a realizar.

PALABRAS CLAVE

Relaciones Públicas y Comunicación Organizacional; evolución científica; investigación; Portugal e Europa.

RESUMO

No presente artigo analisamos as mudanças que as Relações Públicas e a Comunicação Organizacional têm sofrido ao longo dos anos em Portugal e a sua integração na Europa.

Realizamos análise no Ensino Superior em Portugal e comparamos o panorama ante e pós Bolonha. Focamo-nos em dissertações de Mestrado e teses de Doutoramento.

Analisamos o âmbito associativo-profissional e o papel da academia nas associações.

Tentamos conhecer a atualidade da Consultoria no País.

Recorremos a modelos teóricos de investigação no acompanhamento da evolução das Ciências da Comunicação que fundamentam hoje uma ciência complexa conjunta de campos teóricos e empíricos.

Baseamo-nos em análise documental, entrevistas e experiência pessoal.

Fazemos análise aplicada sobre a pesquisa realizada com dissertações de Mestrado e teses de doutoramento, pós-Bolonha.

Em termos de Conclusões entendemos que as RP se mantêm carentes de definição. Encontram-se designações com definições e tratamento científico no âmbito das Ciências da Comunicação e da Gestão, utilizadas indiscriminadamente na prática da gestão empresarial, com diversas tarefas atribuídas.

Relativamente a investigação e produção científica, a estruturação trazida pelo processo de Bolonha proporcionou aumento de pesquisa e realização sobretudo de dissertações de Mestrado e incentivo a doutoramentos até por parte do corpo docente ativo com financiamentos que se geraram. Mas são investigações isoladas, com focos de interesse reduzido e pontual, muitas vezes sobrepostas em várias unidades de investigação, com falta de interesse científico de investigadores, com projetos individuais em curso. O presente estudo carece de aprofundamento e fundamentação científica a realizar.

PALAVRAS-CHAVE

Relações Públicas e Comunicación Organizacional; evolução científica; investigação; Portugal e Europa.

ABSTRACT

In the present article we analyse the changes that Public Relations and Organizational Communication have suffered over the years in Portugal and their integration in Europe.

We performed analysis in Upper Education in Portugal and compare the picture before and after the Bolonia process changes. Our focus are Master and PhD's Thesis. We analysed the associative-professional field and the role of the academy in the associations.

We tried to know today's Consulting in Portugal.

We used theoretical search models of investigation to follow the evolution of the Communication Sciences, which establish today a complex science group of theoretical and empirical fields.

We relied on documental analysis, interviews and personal experience; we did analysis applied on the survey investigation realized with Master and PhD Thesis post-Bologna.

In terms of Conclusions, we feel that PR still needs a definition. We found designations with various definitions and scientific treatment in the Communication Sciences and Management field, used indiscriminately in the practice of the management business, with distinguished tasks attributed.

Concerning to research and scientific production, the model brought with the Bologna process provided investigation increases, with Master works and PhDs incentives, specially to active people on the educational field, with financements generated. But are individual projects under way, with reduced and punctual interest focus, often overlapping in various research units, with lack of global scientific interest.

This study includes deepening and scientific justification to perform in the future.

KEY WORDS

Public Relations and Organizational Communication; Scientific evolution; investigation; Portugal and Europe

ÍNDICE

Nota Introdutória

I - As Relações Públicas e a Comunicação Organizacional: teoria ou prática? E porque não, teoria e prática???

1 - Os fundamentos teóricos

1.1 - As raízes

1.2 - O quadro atual

- 2 - Da técnica de Relações Públicas à Comunicação Estratégica Integrada- Breve panorama
- 3 - A Comunicação digital na Comunicação Integrada
 - 3.1- Intranet: instrumento de Comunicação Interna
- 4 - As Relações Públicas enquanto actividade
 - 4.1 - As origens
 - 4.2 - A atividade de Relações Públicas na Europa
 - 4.3 - O surgimento da atividade em Portugal.
- II - O Ensino das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional em Portugal
 - 1 - Os primeiros cursos
 - 2 - Um novo conceito para o Ensino superior: a aplicação do modelo de Bolonha e as transformações nos sistemas de ensino em Portugal
 - 3 - O panorama atual da Comunicação nas Organizações e das Relações Públicas no âmbito do ensino superior português
 - 3.1 - As universidades públicas e o ensino da Comunicação
 - 3.2 - As universidades não-públicas e o ensino da Comunicação
 - 3.3 - Os institutos politécnicos públicos e o ensino da Comunicação
 - 3.4 - Os institutos politécnicos não-públicos e o ensino da Comunicação
 - 4 - A pós-graduação e a investigação em Comunicação no âmbito do Ensino Superior
 - 4.1 - A nova realidade pós-Bolonha
- III - As comunidades Associativas em Comunicação e RP em Portugal e na Europa
 - 1.1- Os pioneiros do Associativismo em Portugal
 - 1.2- Os académicos na Associação
 - 1.3- Portugal na Europa
 - 1.4- Associativismo Académico e os eventos científicos
- IV- A Consultoria em Portugal
- V - Considerações Finais
- VI - Bibliografia

Nota Introdutória

O 1º Congresso de Relações Públicas (RP) em Portugal teve lugar quase há 25 anos em 1988. Urge perguntar: quem tem hoje conhecimento de que já aí se debatiam modelos teóricos da escola Americana de Cutlip e Center, confrontando com a escola francesa de Lucien Matrat, “bailando entre o pragmatismo dos americanos e a dúvida sistemática dos franceses?” (Ramalho, in *Comunicação Empresarial*, 2010); ou que se discutiam as vantagens da Comunicação Integrada? (Mateus, 2013)

Mas é uma realidade.

As RP não poderão deixar de ser observadas fora do todo da Comunicação Organizacional (CO). Tão pouco a organização pode deixar as técnicas que se encarregam da criação da sua imagem e satisfação dos seus clientes para um segundo plano.

Há que entender a Comunicação como um processo integrado, sinérgico, segundo uma perspetiva estratégica.

Em 1989, quando realizávamos o Mestrado na área de Relações Públicas (RP) no ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - instituição de carácter público pioneira no ensino da CO e das RP em Portugal), uma investigação que viria a produzir a primeira dissertação sobre RP publicada no país e éramos então docentes na área da comunicação em disciplinas como o Marketing (MK) e as RP num curso superior de gestão, já perspectivávamos a função comunicação como um todo integrado e sinérgico de áreas que compõem a gestão da empresa.

Desde o início a nossa formação no ISCSP, da então UTL- Universidade Técnica de Lisboa, hoje Universidade de Lisboa, levou-nos à criação desta perspetiva. A preparação básica ao nível da licenciatura enquadrava-se num conceito que incluía a Comunicação no seio das Ciências Sociais e também da Gestão. A abordagem que nos foi passada sobre Relações Públicas, Marketing, Publicidade, Propaganda, também Jornalismo, foi desde o início contextualizada com disciplinas de Antropologia e Gestão de Recursos Humanos, Psicologia e Psicologia Social,

Sociologia, e posteriormente Sociologia da Informação, Sociologia das Organizações, Comunicação nas Organizações, Ciência da Administração e muitas outras que prepararam caminho para essas áreas de especialização nos últimos anos do curso.

O lema que mantemos já vem desse tempo (anos 80):

Da eficácia do processo de Comunicação, depende a eficácia da gestão; da eficácia da estratégia da Comunicação, depende a eficácia da estratégia da Gestão.

E por isso há muito ousamos afirmar:

gestão sem comunicação, não é gestão.

Com o passar do tempo e necessidades de adaptação aos estilos de mudança de gestão e aprendizagem consequente, urge salientar a organização como um todo e a necessária comunicação estratégica e integrada implícita derivada e o efeito sinérgico para a eficácia e eficiência da gestão interna e externa que daí resultará.

As práticas comunicacionais nas organizações atuais não podem ser trabalhadas isoladamente, tendo-se tornado num campo multidisciplinar envolvendo um misto de disciplinas como o marketing, as relações públicas, a comunicação organizacional, a cultura de empresa e os recursos humanos. O conceito de comunicação integrada apresenta-se como o conjunto das várias áreas de Comunicação da organização – externa, interna, institucional – que agindo em conformidade segundo um plano e estratégia globais, se complementam nas suas diversidades e especificidades, obtendo-se um efeito sinérgico, que se revela no todo da CO (Mateus, 2012). Com as novas tecnologias de informação, o conceito de Comunicação Integrada pode ser reinterpretado a partir das mudanças no ambiente institucional e tecnológico; a construção de uma comunicação integrada passa a envolver conteúdos múltiplos, equipes multidisciplinares, integração informatizada de processos e atividades virtuais. Com a comunicação digital e em rede a tecnologia veio aproximar os intervenientes e facilitar o processo.

O fato das Ciências da Comunicação se recorrerem neste contexto das Ciências Sociais, Ciências da Administração e outras como tecnologias digitais para se

poderem adaptar à comunicação virtual não é caso inédito nem as desvirtuam no âmbito da investigação e da academia. Não se traduz caso exclusivo deste ramo da Ciência.

Com distintas perspetivas de análise os campos de estudos só resultam enriquecidos.

E importante entender, por agora genericamente com base no projeto de fundo que temos em mão, o estado da arte das RP e da CO em Portugal e no âmbito Europeu. Também o papel do Associativismo e a situação da Consultoria na área.

É um retrato para o qual pretendemos contribuir num campo que se mantém bastante disperso em termos de conhecimento do que por aqui se vai fazendo.

I As RP e a CO: teoria ou prática? E porque não, teoria e prática???

1 Os Fundamentos teóricos

1.1 As Raízes

Reconhecer o presente da CO significa recuarmos a um período recente no tempo pela proximidade temporal com que ela se começou a destacar no âmbito das Ciências da Comunicação. E há que aceitar a negligência imputada aos investigadores da área relativa à falta de articulação entre investigações empíricas e pressupostos teóricos sustentados (Ruão, 2004), pelo que a necessidade de um esforço no campo teórico-metodológico se mantém (Mateus, 2012b).

Enquanto disciplina académica e investigação vamos encontrar os fundamentos da CO em três distintos modelos..

O *tradicional*, o mais antigo dos três (1900-1970), marcadamente positivista pela abordagem Funcionalista e métodos quantitativos inerentes. *Estuda-se aí a Comunicação na organização e a sua relação com a eficiência organizacional: o comportamento pode ser medido, padronizado e classificado e a organização é*

entendida metaforicamente como um organismo - sistema vivo (Morgan, 1996, in Cardoso, O., 2006).

O segundo modelo é *Interpretativo* (1970-1980). Entende as organizações como culturas.

Com o crescimento da pesquisa empírica e desenvolvimento das premissas teóricas do campo (Redding & Tompkins, 1988), a CO adquire *maturidade, inovação e também independência na investigação*, afastando-se dos estudos de gestão. Os métodos de análise qualitativa sobrepõem-se aos quantitativos. A cultura organizacional é considerada uma rede de significados. As pesquisas de caráter interpretativo procuram realidades socialmente construídas nas organizações e estudam a comunicação inerente ao processo: os símbolos e os significados que envolvem as várias formas de comportamento organizacional. A perspectiva interpretativa centra-se no processo simbólico através do qual a realidade organizacional é socialmente construída, ou seja através da comunicação (Putman, 1992, in Cardoso, O., 2006).

A década de 1980 é marcada pela crise devido à falta de credibilidade em relação às linhas de pensamento instituídas no âmbito da investigação interpretativa. Surgem duas abordagens sequentes não se afastando da linha de investigação interpretativa (Mateus, 2012b):

a) Com a nova *Teoria Crítica* o poder está no centro das organizações. Elas são vistas como instituições políticas onde as diferentes formas de exercício de poder geram efeitos negativos sobre a tomada de decisão e conflitos internos. A teoria vem abordar a organização como instrumento de opressão e passa a constituir uma forma de discurso sobre a comunicação nas organizações a par com outras tendências. A comunicação é tida como instrumento de dominação.

b) O *Pós-modernismo* apresenta a mesma perspectiva crítica, mas radical. A assimetria e dominação são aqui também preocupações no processo de CO, mas evitou-se a predefinição de grupos e tipos de dominação. Tenta-se resolver problemas de marginalidade e supressão de conflito, tendo como alvo de estudo principal os

indivíduos marginalizados e os micro-processos de poder e resistência. (Cardoso, O. 2006).

2 Da técnica de RP à Comunicação estratégica integrada

- Breve Panorama

Durante muito tempo as RP foram definidas pelas suas técnicas e não pelas teorias que as sustentavam.

Ao longo da história a prática das RP passou por grandes transformações.

De uma função basicamente técnica é hoje entendida como uma função estratégica e integrada na mix da CO indispensável para que as organizações contemporâneas se posicionem institucionalmente e administrem com eficácia os relacionamentos com os seus distintos públicos.

Na década de 1980 encontram-se vários autores que vêm legitimar as Relações Públicas com teorias baseadas em Comunicação (Cutlip, Center, Broom, Dozier).

Pouco a pouco a função passou a ser exercida de formas mais estratégicas nas organizações utilizando-se um conjunto de conhecimentos baseado em teorias e pesquisas que justificam sua existência. (Ferrari, 2009).

A função estratégica de RP encontra-se intrinsecamente ligada ao *planeamento* e à *gestão estratégica da CO*. É fundamental que elas atuem em conjunto com outras áreas da comunicação numa capitalização sinérgica dos objetivos e esforços globais da organização.

Em termos conceituais as suas raízes encontrar-se-ão mais diretamente nas primeiras teorias organizacionais e de gestão, nas teorias das relações humanas e na retórica tradicional (Ruão, 2004).

Encontram-se muitas definições de CO. Uma das mais citadas ainda hoje, e das que consideramos mais genuínas, é a de Thayer de 1976. Segundo ela é:

A comunicação que ocorre dentro da organização e a comunicação entre ela e seu meio ambiente, que definem a organização e determinam as condições de sua existência e a direção de seu movimento. (Thayer, 1976)

A nossa perspectiva vai um pouco mais longe. Entendêmo-la segundo um *conceito alargado e integrado na Organização*.

Desde a década de 90 que o conceito da *Comunicação Integrada* faz parte das Organizações. Ela surgiu como forma de aproximar os conteúdos dos diversos setores dentro de uma empresa e apresenta-se como o conjunto das várias áreas de Comunicação da organização – externa, interna, institucional – que, agindo em conformidade, segundo um plano e estratégia globais, se complementam nas suas diversidades e especificidades, obtendo-se um efeito sinérgico, que se revela no todo da Comunicação Organizacional. (Mateus, 2012)

O planeamento estratégico da comunicação tem que ser feito tendo em conta a sociedade onde está inserida – factor externo. (Idem, ibidem)

Nos finais da década de 80, quando nos começámos a dedicar particularmente ao estudo das RP em Portugal, ainda detinham essa função particular nas empresas. Mas quando aplicada por conhecedores e mentes abertas (o que nem sempre se verificava muito comum) encontravam-se utilizadas no âmbito da gestão cujos resultados surtiam potenciados. Ousamos dizer que já se vislumbrava um prenúncio do conceito mais atual de comunicação *estratégica e integrada*. Daí o objetivo que definimos para um trabalho que publicado somente em 1999 derivou de investigação iniciada no princípio dos anos 1990. Já aí possuíamos conhecimento para podermos definir:

O Objectivo do trabalho que me proponho realizar é analisar em concreto o papel das RP enquanto técnica de Comunicação na eficácia da gestão das organizações...” (Mateus, 1999)

3 A Comunicação digital na comunicação integrada

Introdução

A evolução tecnológica da Internet, nomeadamente a partir de 2004, veio aportar a modificação do anterior papel passivo do mero 'navegante' para um novo papel, ativo e participativo, de 'usuário'. Começou a formação de redes de interesse com a possibilidade dos usuários interagirem entre si participando em grupos de discussão e adicionarem conteúdos relacionados com os temas que unem o grupo em debate. Com a Comunicação digital e a globalização "*Sai o espectador e entra o usuário; sai a comunicação de massa e entra a interpessoal*" (Terra,2006).

A comunicação digital é a expressão comunicacional derivada da internet -web 2.0- ou que a usa como plataforma de atuação; aborda um novo conceito de comunicação fundamentado na interação com base nas redes sociais.

Ao contrário do processo de comunicação tradicional que foca sua transmissão de mensagem no receptor a comunicação digital trabalha de forma dialética permitindo a interação e a troca de papéis entre emissores e receptores.
(Terra,2006)

3.1 Intranet: um instrumento de comunicação interna

Dentro da organização a Internet veio traduzir-se num meio facilitador da comunicação e num instrumento valioso de gestão interna. Aí os fluxos de informação correm nos dois sentidos - com *feedback* facilitado - e proporcionam uma gestão do conhecimento organizacional nunca antes permitida. Ela traduz-se como o meio por excelência de comunicação interna que permite potencializar e massificar o fluxo de informação institucional. É um instrumento de coordenação de comportamentos único e imprescindível para a alta estratégia da organização. Para além desta função, ainda a nível interno, também se veio apresentar como ferramenta de gestão da informação e dos conhecimentos da organização. Oferece uma plataforma de base de dados de informações de todas as áreas, de forma organizada e controlada. Os funcionários passaram a ficar conectados com um poderoso meio de comunicação que os liga ao mundo. O acesso às notícias e a fatos relevantes tornou-se

instantâneo e mais eficiente. A participação pode ser agora incentivada e a vida organizacional facilitada. (Mateus, 2013)

4 As Relações Públicas enquanto atividade

4.1 As Origens

Muito tem sido escrito sobre as origens e a evolução das Relações Públicas no contexto dos EUA.

Dois momentos e dois nomes incontestavelmente encontram-se nos EUA e marcam a história das RP: realçamos Ivy Lee que tomou consciência pela primeira vez do fundamento das RP em 1906, com a divulgação da verdade e, ao contrário do habitual providenciou a notícia *in loco*, chamando às suas custas os jornalistas ao local do acidente ferroviário “Pennsylvânia Railroad” para aí fazerem a sua reportagem sem algum tipo de pressão. Era seu lema “*o público tem que ser informado*”. E daí a sua obrigação ética em colaborar para isso.

Um salto na História leva-nos a Edward Bernays (1891-1995) e um passo à frente na filosofia das RP: o público tem que ser informado, mas só isso não basta: “*O público tem que ser compreendido*”. O jornalismo já não é meio suficiente para as RP. Há que socorrer-se de outras Ciências Sociais como a Sociologia e a Psicologia. Para Bernays (2005) as RP eram uma nova ciência que tinha como grande objectivo a “persuasão científica”. A partir da década de 20 do séc.XX, é apontado como revolucionário para a afirmação das RP em termos teóricos e científicos. (Sobreira, 2010).

Outros importantes nomes fazem parte da história das RP nos EUA e vieram trazer novos aportes transformando o conceito de uma disciplina que começou por ser uma técnica isolada e se transformou numa função indispensável à gestão organizacional: Cutlip, Center e Broom (1999), Grunig e Hunt (2000, 2003), Cutlip (1994, 1995). Porém, o nosso objetivo aqui recai noutra campo e pretendemos observar uma realidade que nos está mais próxima. Com maior ou menor tradição a Europa

também se preocupa com a realidade da Comunicação nas Organizações incluindo as RP.

Em 2003 Van Ruler e Vërcic, investigadores de origem europeia, *vêm debater o predomínio da utilização dos textos norte-americanos em toda a Europa para estudar tanto o conceito, como a prática das RP* (Sobreira 2010) no estudo “Perspectivas Europeias de RP”. Estamos na Europa e é essa relação que entendemos prioritária.

4.2 A Atividade de Relações Públicas na Europa

Como atividade pode considerar-se que as RP chegaram à Europa no final da II Guerra Mundial ainda que antes já houvesse em França empresas com pessoas ou práticas na área.

As RP foram-se afirmando após a guerra e com o “Plano Marshall” os americanos, ao trazerem os seus modelos de gestão, trouxeram também a função RP. Em 1946 nas empresas petrolíferas em França, foram criados gabinetes de RP (Chaumely & Huisman, 1997).

Por seu lado, Van Ruller e Vërcic (2003) referem a “Krupps” como tendo sido pioneira em 1870 na criação de um departamento de relações com a imprensa (Sobreira, 2010).

O fato é que desde a sua génese, os conceitos da atividade encontram-se afastados entre os EU e a Europa. Como bem observa Rosa Sobreira (2010):

enquanto nos EUA, claramente, se reconfiguraram em termos de prática moderna como actividade de consultoria (os dois principais pioneiros Ivy Lee e Edward Bernays fundaram a profissão a partir da criação de empresas que prestavam serviços a vários clientes), na Europa, quer o exemplo da “Krupps”, quer a implantação da actividade em França no pós-guerra, parece ter sido feito a partir do interior das organizações.

Também Sam Black é considerado pioneiro Europeu na disciplina Científica das RP. Fundador da IPRA - Associação Internacional de RP fundada em Londres em 1955, já

afirmava ser importante distinguir entre as RP omnipresentes na empresa e a prática profissional das RP (Pato, 2009), RP que Bernays descreveu como *uma arte combinada com uma ciência*. Segundo este autor, as RP “Devem ser deliberadas, planeadas, apoiadas e em conformidade com os objetivos e a estratégia da empresa”. Assim no-lo apresenta Abílio da Fonseca (2011)

No início dos anos 1980 Sam Black tentou implantar as RP como uma disciplina de Gestão e em 1988 no âmbito da empresa. Fez também com que se introduzisse o 1º programa especializado numa Universidade da Europa.

4.3 Surgimento da atividade em Portugal.

Em Lisboa surgiu em 1960 no organismo público LNEC - Laboratório Nacional de Engenharia Civil um “Gabinete de Relações Exteriores”.

Mas a chegada das RP a Portugal está associada à entrada das multinacionais “Mobil” e “Shell” que ao instalarem-se e iniciarem as suas atividades trouxeram consigo os serviços de RP.

Avelar Soeiro foi contratado para o exercício de funções no Gabinete de Relações Exteriores, o “primeiro organismo da Administração Pública a sentir a necessidade do desempenho das funções inerentes às reais *Public Relations*”, segundo registo do próprio (Soeiro, 2003).

Outro realce com muita justiça: Américo Ramalho, dos primeiros RP em Portugal com formação, então contratado pela Mobil. Pelas palavras de Avelar Soeiro, Ramalho faz saber que as RP estavam ao mais alto nível da empresa. (Mateus, 2013)

Segundo informações do próprio Américo Ramalho, a TAP - Transportes Aéreos Portugueses também tinha um gabinete bem estruturado liderado por Henrique de Queiroz Nazareth assim como o setor das Forças Armadas. Confirmamos as duas situações. Conhecemo-las diretamente já em meados dos anos 1980 no final da nossa licenciatura durante a realização do mestrado. Permitimo-nos acrescentar o setor das

RP da CP - Comboios Portugueses, da responsabilidade do próprio Américo Ramalho, já numa segunda fase da sua atuação profissional, quando saiu da Móbil.

II- O Ensino das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional em Portugal

1 Os primeiros cursos

Em 1989, numa fase relativamente recente da introdução do estudo da Comunicação no meio académico em Portugal, pioneiras que também éramos, decidimos fazer um ponto da situação como contributo ao “3º Congresso Europeu de RP”.

Já então defendíamos princípios que para nós se mantêm básicos, quer no âmbito das RP quer da Comunicação Empresarial e Institucional e portanto fundamentais ao ensino das Ciências da Comunicação. Reportamos-nos à época:

Nos dias de hoje, porém, teoria sem aplicação não faz sentido e prática sem fundamento teórico não é válida. É com base nesta proposição que ambas as licenciaturas (Comunicação Social e RP) convergem num objectivo final que envolve as duas vertentes e tentam preparar a nível teórico-prático pessoas que saibam diagnosticar mas também interpretar, que saibam criar estruturas de evitação mas também resolver os problemas previstos e mesmo os ainda não previstos no contexto das RP (Mateus, 1989).

É com base na pesquisa de então que podemos apresentar agora informações fidedignas, não deturpadas pelo passar do tempo.

O batismo das licenciaturas de carácter público em Comunicação em Portugal deu-se em 1979, na UNL pelo Decreto nº. 128-A/79, de 23 de Novembro e logo de seguida, em 1980, surgiu o curso no ISCSP/UTL, hoje UL, criado por um Dec. de 17 de Maio. Eram denominadas Licenciaturas em Comunicação Social, com a vertente de RP enquanto especialização e como opção. Na UNL salientava-se pela especialização em

Jornalismo. Um pouco diferentemente acontecia no ISCSP. Com especializações distintas e definidas, assentes numa base teórica bem sólida de Ciências Sociais conjunta de dois anos comuns, sendo uma delas RP, Publicidade e Mk.

Quase uma década antes o INP, instituição de ensino não-público, conseguira ver o reconhecimento dos seus cursos no âmbito do Ensino Superior com a aprovação do estatuto do estabelecimento de ensino superior pelo Ministro da educação nacional em Junho de 1971, após sete anos de atuação em campo não legalizada (Cabrero e Cabrero, 2001). O INP foi o primeiro no país a oferecer um curso de RP, então ligado ao turismo.

A duração dos cursos de licenciatura em Comunicação Social em Portugal era, em geral, de quatro anos ou oito semestres, sendo que alguns contemplavam estágios profissionais com períodos de duração variável no final do curso, o caso da licenciatura desenvolvida no ISCSP, da UTL; os cursos com estrutura de bacharelato tinham a duração de três anos ou seis semestres, o caso do ISCIE.

O ISCIE-Instituto Superior das Ciências da Informação e da Empresa.por seu lado, disponibilizava no final dos anos 1980 um Curso de RP e Publicidade, com um teor mais prático do que teórico. Uma estrutura bietápica em que o 1ºciclo concedia o grau de bacharelato que poderia ser completado com o 2º ciclo, a que se atribuía o grau de licenciatura. Um curso que não vingou no meio académico. No início dos anos 90 ainda tentava o seu reconhecimento junto do Ministério, informação que nunca conseguimos comprovar antes do seu desaparecimento na mesma década.

Ao longo da década de 1980 começaram a proliferar vários cursos de Comunicação Social principalmente na vertente jornalismo.

2 Um novo conceito para o Ensino superior: aplicação do modelo de Bolonha e as transformações nos sistemas de ensino em Portugal ¹

Introdução

¹ Informação baseada em: Mateus (2012)

O chamado Processo de Bolonha iniciou-se informalmente com um encontro de ministros da educação de quatro países europeus (Alemanha, França, Itália e Reino Unido) em Maio de 1998 e teve como resultado a Declaração de *Sorbonne* onde ficou registada a intenção de:

criar uma área europeia do ensino superior onde as identidades nacionais e os interesses comuns possam interagir e reforçar-se mutuamente para benefício da Europa, dos seus estudantes e na generalidade dos seus cidadãos (SORBONNE, 1998, in Mateus, 2012),

e conclui-se com:

o estabelecimento até 2010 de um Espaço Europeu de Ensino Superior, coerente, compatível, competitivo e atractivo para estudantes europeus e de países terceiros, Espaço que promova a coesão europeia através do conhecimento, da mobilidade e da empregabilidade dos diplomados como forma de assegurar um melhor desempenho afirmativo da Europa no Mundo. (Idem, ibidem)

Firmado oficialmente em 19 de junho de 1999 em Itália, por ministros ligados à educação de 29 países do velho continente, o documento que traduziu a declaração de Bolonha previa a criação do Espaço Europeu de Ensino Superior - uma região em que os currículos passaram a ser unificados os créditos multi-validados e os estudantes a ter livre mobilidade entre os países aderentes.

Paralelamente os diversos níveis foram compactados reduzindo o tempo de formação.

Nos novos moldes os estudantes podem alcançar o título de Doutor em oito anos - no formato chamado de 3+2+3 (licenciatura + mestrado + doutoramento).

Após vários debates decidiu-se pela criação de um espaço único em que os estudantes pudessem transitar livremente validando os seus créditos nos vários países aderentes.

Em essência passa-se de um paradigma de ensino para um paradigma de aprendizagem.

Hoje, em Portugal, o Ensino Superior encontra-se estruturado no âmbito do Acordo firmado na Declaração de Bolonha, entre os países da UE, e definido na Lei de Bases do Sistema Educativo - lei nº 49/2005 de 30 de Agosto. (Mateus, 2012)

3 O panorama atual da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas no âmbito do ensino superior português

Introdução

Derivado das novas diretrizes europeias mudou muito o panorama académico da comunicação em Portugal, com amplas influências da Comunidade Europeia.

De imediato ressalta o grande aumento de estabelecimentos de ensino e cursos inerentes.

Desse vasto número fazem parte dois tipos de estabelecimentos de ensino com vocações distintas: Universidades e Institutos Politécnicos.

São unidades originárias de um setor Público e de um setor Privado e Cooperativas de ensino que se verifica não muito distintas nas suas estruturas:

Dentro desses estabelecimentos, Universidades e Politécnicos, encontramos Licenciaturas e Mestrados, nalguns casos também Doutoramentos – estes apenas nas Universidades e Públicas - em convívio direto, por todo país.

É de ressaltar o grande aumento e diversificação dos Institutos Politécnicos

3.1 As Universidades públicas e o ensino da Comunicação

A oferta do ensino superior universitário da comunicação, traduzida neste novo desenho e conceito, pode ser agora encontrada em pleno com a existência de

licenciaturas, mestrados e doutoramentos em quatro Instituições. Todas elas apresentam:

- uma licenciatura em *Ciências da Comunicação* com áreas de *comunicação empresarial*, como a *comunicação interna*, a *publicidade*, as *RP*, a *comunicação estratégica e de crise* e também a *assessoria na área da comunicação institucional*;

- um mestrado que prevê uma *especialização em RP* e em *comunicação empresarial* definindo o da UBI a especialização de *Comunicação Estratégica: Publicidade e RP*;

- quanto a doutoramentos a UBI mantém a sua linha de pesquisa e designação em *Comunicação Estratégica*, enquanto que a UTAD se lança na *Direção de Comunicação Empresarial* e a UMINHO tenta, com o seu curso, corresponder a necessidades locais e encontrar pontes para relações com países de expressão oficial portuguesa.

O ISCSP da UL mudou a sua estrutura em 2014 passando a ministrar doutoramento em Ciências da Comunicação sem especialidades ainda definidas uma vez que o anterior doutoramento em Comunicação traduzia-se numa das especialidade do doutoramento em Ciências Sociais; a UNL ministra cursos nos três ciclos de Ciências da Comunicação na área da CO e Institucional. Limita a sua vertente à especialização de *Comunicação Estratégica* em todos eles.

A UMADEIRA fica-se pelo grau de *Licenciatura em Comunicação, cultura e organizações*.

3.2 As Universidades não-públicas e ensino da Comunicação

A par das públicas, temos cinco unidades não-públicas de ensino universitário.

Relativamente às licenciaturas contrapõe-se o carácter aplicado da designação das apresentadas pela Universidade Lusófona e pelo INP contrapondo-se mais explícita a perspectiva das RP ao carácter global das restantes: Ciências da Comunicação. Mas todas tem uma vertente organizacional e institucional da comunicação no seu programa.

No que respeita a mestrados verifica-se a generalidade da sua coexistência à exceção da UCP. O curso ministrado na UAL encara vertentes bem distintas das áreas sobre que aqui nos debruçamos.

Na ULusófona, os mestrados são orientados numa vertente mais global, de *Ciências da Comunicação e Teoria das Organizações* ou de *Comunicação Integrada*, como no INP; contrariamente na UFP o mestrado tem um ramo de *especialização em RP*.

É de realçar, como referimos anteriormente, que o maior desenvolvimento no Ensino Superior deu-se muito mais ao nível politécnico. Tanto no público como no não-público veio inundar o meio académico dos dias de hoje.

3.3 Os Institutos politécnicos públicos e ensino da Comunicação

Há oito institutos politécnicos que em consonância com o acordo de Bolonha conferem hoje o grau de licenciatura através de Escolas Superiores Públicas.

Apresentam denominadores comuns nos programas em áreas específicas como *RP*, *Comunicação Empresarial*, *Estratégia de Comunicação Institucional*, *Comunicação Interna*, entre especializações e particularidades de cada um.

As designações variam de *Ciências da Comunicação* a *CO*, com *especialização em RP* e *Comunicação Empresarial*, *Comunicação Social*, e afins.

Na ESCS do IPL, a licenciatura em *RP* e *Comunicação Empresarial* pode ainda ser desenvolvida com o mestrado em *Gestão Estratégica das RP*, numa vertente primordial de investigação dessa área da Comunicação aplicada.

Atualmente, tem um protocolo com o ISCTE, superior universitário, para a realização de um doutoramento em Ciências da Comunicação.

3.4 Os Institutos politécnicos não-públicos e ensino da Comunicação

Na generalidade dos institutos politécnicos não-públicos encontramos uma perspectiva convergente entre eles mais apelativa na designação dos cursos em ordem às empresas de *Comunicação Empresarial*.

À exceção da licenciatura do ISMAI que coincide com a maioria das públicas com o nome de *Ciências da Comunicação*, todas as outras detêm aquela designação, ou *Secretariado e Comunicação Empresarial* – o caso do ISLA.

Quanto ao seu conteúdo, todas convergem no ensino da *Comunicação empresarial e institucional, assessoria, relações com a comunidade, técnicas de CO, protocolo*. Com mais ênfase numas áreas ou noutras, todas optam por estas e outras igualmente, do foro externo à empresa.

Complementarmente existe uma pós-graduação de RP e Organização de Eventos (uma vertente prática da comunicação), curso sequente sem necessidade de apresentação de dissertação final no ISCAP.

Os mestrados também existem no ensino não-público no ISCEM e no Instituto Miguel Torga. São cursos de *Comunicação Empresarial*, com conteúdos que incidem em tendências de estratégias de comunicação conjunturais, RP e imagem de empresa.

4 A pós-graduação e a investigação em Comunicação no Ensino Superior

Até há poucos anos o campo científico da Comunicação não se encontrava delimitado em programas de Pós-graduação. Era no âmbito de Mestrados e Doutoramentos em Sociologia, Economia, Antropologia, e outros, que a área da Comunicação era trabalhada.

Mas também não era exigido o grau de Mestre para a prática da docência Universitária. A carreira era desenvolvida com a apresentação de um Doutoramento sem obrigação de prazos para realização. Apenas carecia de uma inscrição com acompanhamento do nome de um Orientador sem a existência de um curso base pré-definido.

Por vasta que fosse a nossa procura não encontramos com fidelidade informação para apresentarmos as primeiras Teses e autores de Doutoramentos em CO/Institucional ou RP. Podemos adiantar que os trabalhos pioneiros em Comunicação, ainda nos finais dos anos 90, se situam na área do Jornalismo na Universidade Nova e já do Discurso Publicitário no ISCTE. Mas é os dados que temos.

Respeitante a Mestrados podemos referir, com uma certa segurança, um trabalho intitulado *RP em Hotelaria – uma perspetiva da Qualidade*, de 1997, publicado em 1999 pelo ISCSP- UTL como pioneiro na área, de que fomos autoras. É uma dissertação no âmbito do Mestrado em Sociologia pela inexistência de Mestrados em Comunicação quando decidimos realizar o projecto. Mais próximo não vislumbramos outro.

Uma das mais-valias, talvez a maior que o novo modelo trouxe ao Ensino Superior em Portugal com a introdução do modelo de Bolonha, foi a implementação da Investigação e a estruturação dos programas de pós-graduação.

A nova estrutura vem permitir em alternativa à realização de um Estágio laboral para conclusão do 1º Ciclo, a concretização de uma pesquisa, mais ou menos profunda, mas dentro dos moldes da preparação de uma Dissertação para a conclusão desse ciclo de estudos. Em teoria, quem pretende aprofundar-se academicamente e não exercer uma profissão, adquirirá logo aí preparação e aquisição de experiência para a realização da tese que fará parte do seu projeto a mais longo prazo quando terminar o 2º ciclo de estudos.

O que se tem verificado em Portugal é que a generalidade dos estudantes acaba por concluir os dois ciclos sequencialmente sem interrupção alguma, independentemente dos seus objectivos serem uma carreira académica ou profissional: continua a observar-se os dois ciclos como um *continuum* à semelhança da tradicional licenciatura, mais longa. O atual Mestrado tomou lugar da antiga Licenciatura quase a 100%.

Em termos positivos ganha a grande produção científica nomeadamente o número de dissertações de Mestrado que daí resulta.

Um pequeno apontamento para destacarmos o trabalho da Universidade do Minho enquanto Universidade Pública com alguma produção científica a nível de teses e dissertações².

De qualquer modo só tivemos acesso às primeiras publicações de Comunicação Organizacional datadas de 2008.

Também a Universidade Fernando Pessoa, Privada, tem o alvará para ministrar Doutoramentos e, desde 2005 detém Doutoramentos em Ciências da Informação, com especialidade em Comunicação Empresarial e Relações Públicas a decorrerem.

Numa breve análise dos vários Doutoramentos em Ciências da Informação que aí se encontram a ser realizados, há três linhas de investigação que prevalecem nitidamente: Especialidade em Marketing e Comunicação Estratégica; Especialidade em Sistemas e Tecnologias da Informação e Especialidade em Teoria e História da Comunicação . Quanto a nós, a incidência nessas áreas é significativa das prioridades atuais e uma tentativa de resposta à conjuntura. A investigação em Marketing e Comunicação Estratégica só procurará, cada vez mais, alternativas primeiras para a inovação, para o pioneirismo, seja em que área for. A luta cada vez é mais aguerrida. O importante é a conquista de um espaço e a arma é a Comunicação; em Sistemas de Informação e Tecnologias da Informação, são os meios de Comunicar hoje e quem não os sabe utilizar, não sabe comunicar. Fica fora do processo; Teoria e história da Comunicação, demonstra o estágio da necessidade de teorização que se sente, por falta de antecedentes.³ Como temos defendido, na Comunicação, o processo de busca apresenta-se inverso ao das ciências clássicas: começou-se da prática para a teoria – há sempre um momento em que se sente necessidade de sentir os pés bem assentes no chão (é preciso encontrar os fundamentos). Vivêmo-lo hoje.

² Consulta Em Biblioteca Digital RepositoriUM- Universidade do Minho

³ Universidade Fernando Pessoa – consulta de Repositório on line – Biblioteca digital

4.1 A nova realidade pós-Bolonha

Fazendo uma pequena análise retrospectiva de alguns aspetos positivos que consideramos mais significativos desde a implantação do processo de Bolonha, encontramos a presente realidade:

- As inscrições no ensino superior cresceram 15% entre 2005 e 2009, atingindo o segmento etário de 20 anos um valor de frequência das várias áreas de estudo de 35%, próximo da média europeia⁴
- O sistema politécnico cresceu e consolidou-se
- O número de alunos inscritos em cursos de especialização tecnológica, CETs, aumentou cerca de 20 vezes⁵
- Verificou-se um grande aumento dos doutoramentos realizados e reconhecidos por Universidades portuguesas - cerca de 1500 novos doutoramentos por ano, com 51% desses doutoramentos realizados por mulheres, das percentagens mais elevadas de toda a Europa⁶.
- A Fundação para a Ciência e Tecnologia passou a desenvolver um programa de contratação de investigadores doutorados, diretamente ou através de instituições universitárias com vista ao apoio das instituições nacionais, rejuvenescimento dos investigadores e possibilidade da sua mobilidade entre instituições nacionais e internacionais, com vista à possibilidade de uma maior competitividade. Abriu também a porta, de forma significativa, a investigadores estrangeiros⁷.

É uma realidade que na prática se tem constatado.

⁴ Dados de 2010 www.mctes.pt

⁵ www.mctes.pt

⁶ Idem, ibidem

⁷ *Bolonha em Portugal e a reforma do ensino superior*. www.mctes.pt

III- As Comunidades Associativas em Portugal e na Europa

Introdução

Foi no âmbito associativo da extinta APREP-Associação Portuguesa de RP a que todos pertencíamos, onde com eles convivemos e que connosco colaboraram dedicada e prestativamente, que conseguimos as informações que ainda hoje nos são úteis. Num extrato de uma entrevista realizada com Álvaro Esteves - jornalista e consultor em comunicação, ex-dirigente da APCE - Associação Portuguesa de Comunicação Empresarial, este acrescenta a EDP - Eletricidade de Portugal e os CTT-TLP- Correios, Telégrafos e Telefones - Telefones de Lisboa e Porto, mas salienta - e confirmamos objetivamente a sua posição pelo tipo de associados com que convivemos - de que se tratava, *“sobretudo, de empresas de carácter público. O setor privado dava pouca importância. Era um custo”* (Mateus, 2012). Podemos acrescentar ainda hoje testemunho atualizado de registos para investigação com que ficamos dessa época, assim como de publicações da Revista da APREP (Comunicando), nomes como Marques da Neves, Director de RP dos CTT - Correios, Telégrafos e Telefones, Vitor Baltasar da Companhia das Águas, Diogo Weinstein do Montepio, Carlos Fabião da Central de cervejas, Tenente-coronel Silva Coelho das Forças Armadas, entre outros a quem a nossa memória não foi tão fiel.

Convém realçar que a APREP não foi o primeiro movimento Associativo profissional que tentou impulsionar as atividades de RP em Portugal.

1.1 Os pioneiros do Associativismo em Portugal

Sublinhe-se o empenho para a associação e divulgação da profissão de Avelar Soeiro, considerado o primeiro RP português, conhecido como o “pai das RP em Portugal”, membro fundador da SOPREP- Sociedade Portuguesa de RP em 1968 . No que respeita a RP a Associação pouco desenvolvia; no contexto de ditadura em que se vivia era mais trabalho de propaganda com que se preocupava. O facto de se chamar Sociedade e não Associação foi a forma de contornar certos condicionalismos legais a que o associativismo estava sujeito em Portugal. Para Diogo Weinstein, também um

dos pioneiros a considerar, esta tática de contornar os entraves colocados pelo regime político acabou por levantar mais tarde alguns problemas “*ao distinguir dentro do mesmo grupo, quem tinha apenas interesses culturais e quem pretendia ser um verdadeiro profissional*” (Weinstein, 1983)

Soeiro era um autodidata, como ele próprio reconhece:

Com vista à minha formação na complexa profissão das RP fui adquirindo, sistematicamente, vasta bibliografia da especialidade e através da presença nas organizações associativas internacionais de que fazia parte (Soeiro, 2007)

Mas a Sociedade sofria divergências internas. (Sobreira, 2010)

1.2 Os académicos na Associação

Existia uma outra vertente encabeçada por Américo Ramalho que pertencia à primeira turma de alunos formados pelo INP- Instituto de Novas Profissões, e ele próprio assume que quando ingressou na associação tinha uma visão diferente da que vigorava entre os outros pioneiros: não concordava que a Sociedade simplesmente aceitasse qualquer pessoa que se interessasse pelas RP, e o estatuto de associação de carácter cultural, permitia-o, ao contrário do de profissional.

Essa divisão influenciou o movimento associativo desde o início...

1.3 Portugal na Europa

Em 1969 a SOPREP conseguiu aderir à CERP (Confederation Européenne des Relations Publiques) e fez a adoção do seu código de conduta, o “Código de Atenas”. O prestígio que isso concedeu foi fundamental para a institucionalização das RP em Portugal.

A CERP havia sido criada em 1959 em Orleans, França, por iniciativa de Lucien Matrat, acompanhado por profissionais da Bélgica, França, Alemanha, Holanda e Itália, que iniciou o processo de integração associativa na Europa.

A Sociedade integrou-se rapidamente no movimento associativo internacional, na CERP mas também no IPRA, em 1971,(que já atrás referimos) com a participação inicial de cinco países: Grã-Bretanha, França, Holanda, Noruega e Estados Unidos.

Enquanto a CERP recebia como sócios associações e pessoas individuais, o IPRA admitia pessoas coletivas e sócios individuais: quem não era da CERP, conseguia ser do IPRA. Sempre com Avelar Soeiro como representante que mantinha contato ao longo da Europa tanto com as associações profissionais francesas como com as inglesas.

Portugal teve um papel ativo nos trabalhos a nível internacional no âmbito da CERP. Em Abril de 1978 realizou-se um encontro em Lisboa onde foi aprovado o “Código Europeu Deontológico do Profissional de Relações-Públicas”, internacionalmente reconhecido e adotado como “Código de Lisboa”.

Em 1982, a SOPREP foi extinta. Surgiu a APREP que aceitava exclusivamente profissionais (em teoria e apenas no papel). Na realidade não havia coragem de fechar as portas aos antigos colegas e amigos de vários anos.

Em Maio de 1989 a APREP teve a responsabilidade de organizar em Lisboa o 3º Congresso Europeu de RP (CERP) presidido pelo dinâmico Francês Jos Williams. Portugal fez-se representar com três trabalhos de oradores de carácter bem distinto: José Marques das Neves, Diretor de Comunicação dos CTT, TLP e Presidente da Associação, que se dedicou ao panorama profissional do País e da Associação; Anabela Mateus, uma jovem académica, docente universitária e investigadora da área de Comunicação e das RP, representando o ISCSP da UTL que apresentou resultados do seu mestrado, onde pela primeira vez se fazia um retrato do ensino das RP no País e ainda por Américo Ramalho académico originário do INP e profissional responsável por vários departamentos de Comunicação ou RP, ao longo da sua vida profissional e dinâmico membro associativista.

A APREP teve também uma preocupação com a academia durante o seu curto período de existência. Principalmente em termos práticos. Várias foram as visitas de

representantes a estabelecimentos de Ensino Superior com o objetivo de divulgação da Associação e suas atividades. Acabaria por ver a sua atividade interrompida por atritos e maus entendimentos no âmbito de divergências e desentendimentos internos no início dos anos 90. Não temos conhecimento exato do que aconteceu. Os documentos escritos, orais ou outros são inexistentes e também estivemos afastadas da vida durante alguns anos, o que nos condiciona o conhecimento da generalidade dos fatos da época.

Em Abril de 1990 surge a APCE -Associação Portuguesa de Comunicação Empresarial. Sem fins lucrativos a entidade representa no País e estrangeiro, os interesses dos gestores e técnicos associados da área da CO e das RP. É um fórum de debate e reflexão das matérias correspondentes em Portugal. Ainda hoje, embora se apresente identicamente representativo e aberto aos setores profissional e educativo, sobre este último os seus esforços não se demonstram muito efetivos.

Atribui anualmente o Grande Prémio APCE-Excelência em Comunicação, que distingue a qualidade dos órgãos de comunicação interna das empresas, com o reconhecimento da excelência dos seus projetos.

Os trabalhos são avaliados por um júri presidido pelo Prof. José Viegas Soares da ESCS e composto por outros professores exclusivamente da mesma Escola.

A APECOM-Associação Portuguesa das Empresas de Conselho em Comunicação e RP, foi fundada em 1989. Sendo uma associação que se assume como representante de empresas consultoras de Comunicação e RP, desenvolve parcerias com Institutos de Ensino Superior e Universidades na área da formação. Segundo informações que necessitam confirmação científica, encontra-se um tanto estagnada em termos de atividades.

1.4 Associativismo Académico e eventos científicos

A CERP, por sua vez, sofreu várias transformações estruturais ao longo da década de 1990, inclusivamente na mudança de língua de trabalho adotada de francês para

Inglês e em 2000 em Milão, a 1 e 2 de Dezembro, surgiu a EUPRERA daí derivada (Educação de RP na Europa). Jos Williams manteve-se na Presidência.

Em 2002 realizou-se em Bled o Congresso Anual de RP onde foi apresentado um importante documento da autoria de Bettevan Ruller e Dejan Vercic, o *“Bled Manifesto on Public Relations”*.

Em 2005 José Viegas Soares, originário do INP e que passara em 1989 a fazer parte da ESCS, aceitou integrar o *“Board of Directors”* da EUPRERA e ainda em 2005 realizou-se o Congresso anual da Associação, onde foram aprovados novos Estatutos. As atas do Congresso foram publicadas pela ESCS, ed. de José Viegas Soares e Mafalda Eiró-Gomes *“New Challenges for Public Relations”*.

De salientar que a vertente académica não foi particularmente desenvolvida nos primórdios do Associativismo.

É uma realidade que a APREP desde o seu início, no princípio da década de 1980, demonstrou preocupação com a área, nomeadamente através de um dos seus principais dirigentes, Américo Ramalho, pioneiro do INP e também dedicado à academia, que muito tentou fazer. Mas acabou cedo demais.

Também Anabela Mateus, mestranda do ISCSP jovem docente universitária, desde o início da sua atividade investigou sobre a matéria que culminou com a realização da 1ª dissertação de Mestrado sobre RP no país, tendo apresentado ao 3º Congresso da CERP em Lisboa um trabalho sobre o Ensino das RP em Portugal, como já referimos. Mas com muito mais pretendia contribuir.

A vida não foi complacente com estes dois sócios que demonstravam particular interesse na temática e promissores impulsionadores do desenvolvimento da área académica. Graves problemas de saúde afastaram-nos do meio. Por muitos anos nada mais foi feito nesse sentido.

Com a ampliação de conceitos de RP para Comunicação Organizacional e Estratégica, o ISCSP despertou para a investigação. Sónia Sebastião é aí a docente

mais empenhada no campo. Também Investigadora passou a assídua representante de Portugal pelo ISCSP em 2009 no Congresso Anual em Bucareste e no Spring Symposium em 2010. O contributo do Instituto passou a ser significativo.

O INP com sede em Lisboa mantém lugar cativo junto da EUPRERA. Em 2013 os professores Nuno Brandão, Susana de Carvalho e Celma Padamo participaram na conferência anual com artigos científicos. Mais longe vai a sua envolvência. Portugal faz hoje parte dos projetos Europeus com a participação do INP num Mestrado Europeu em RP. Trata-se do MARPE, o *Master in European Public Relations* (linha Ibérica), Trata-se de um Diploma conjunto entre a Universidad Cardenal Herrera - CEU, Valencia e INP, Lisboa.

Também no ano corrente a Universidade do Minho tem a responsabilidade de coordenar a *european-communication-monitor*, uma pesquisa transeuropeia realizada anualmente pelo Observatório Europeu da Comunicação da EUPRERA, caracterizada este ano de 2014 por ser a maior sondagem internacional em Comunicação Estratégica do mundo. É uma pesquisa empírica que tenta identificar os desafios atuais e tendências futuras em comunicação estratégica, mobilizando a participação dos profissionais de Comunicação. O líder do projeto encontra-se na Universidade de Leipzig e os coordenadores em Portugal são Teresa Ruão e Evandro Oliveira do CECS da UM sendo este último o elo de ligação com a Universidade de Leipzig.

Com menos tradição é-nos devido mencionar a ECREA - *European Communication Research and Education*. A primeira conferência que a Associação organizou teve lugar em Amsterdão em 2005 e em Novembro do ano corrente Portugal e a ULusófona em Lisboa terão a responsabilidade de acolher a 5ª Conferência Europeia. A OSCS (Organisational and Strategic Communication Section) foi criada em 2006 com o objetivo de promover o diálogo crítico entre os académicos envolvidos no estudo da comunicação institucional e da cultura. É uma secção onde os elementos se empenham no debate e investigação das áreas que fazem parte da comunicação estratégica e organizacional. Portugal tem hoje a honra de ter duas jovens

investigadoras portuguesas representantes na organização enquanto Chair e Vice-chair. Gisela Gonçalves da UBI e Ana Melo da UM.

A salientar ainda que o Workshop da “Organisation and Strategic Communication Section” teve lugar na Covilhã, em Portugal na UBI em Novembro de 2011 sob o tema *"The Dialogue Imperative. Trends and challenges in organizational and strategic communication"*.

Uma palavra particular à ARPP – Associação de RP de Portugal e ao seu mentor de muitos anos, Abílio da Fonseca. É uma Associação ligada ao ISMAI – Instituto Superior da Maia, e foi criada sob a sua égide em 2001. Realizou o I Congresso Internacional de RP da ARPP- Associação de relações Públicas de Portugal, em 2002 e contou com a participação e apoio de Associações da Europa. Abílio da Fonseca, foi coordenador do curso durante muitos anos e consultor de RP. Tem obra escrita considerável sobre a matéria já desde os anos 90, publicada principalmente pelo Instituto onde sempre colaborou. Grande dinamizador da Associação, hoje encontra-se retirado e a Associação praticamente estagnada.

IV- A Consultoria em Portugal

Incontestável se apresenta o fato de Portugal acompanhar a tendência verificada em França: as RP não iniciaram a prática da actividade a partir das agências de consultoria, contrariamente aos EUA, mas como departamentos internos das organizações. A realidade das agências em Portugal fez-se mais tarde.

O primeiro registo neste sentido deu-se em 1976 pela necessidade de formação na área com a fundação da CENP – Agência Internacional de Comunicações, por Joaquim Martins Lampreia, profissional de Comunicação que criou a primeira Agência de RP em Portugal precisamente em 1976 e foi fundador e presidente da APECOM.

Ainda hoje se apresenta muito menos significativa a oferta de consultoria em comunicação em Portugal, comparada com outras realidades.

V - Considerações finais

Urgem algumas conclusões que merecem reflexão:

As RP mantêm-se carentes de definição.

Quer no meio Académico quer no Profissional continua muitas vezes difícil entender as fronteiras entre o conceito e a atividade. Aliás, uma situação leva a outra: várias são as designações para uma mesma atividade; várias são as atividades para um mesmo conceito: Relações Públicas, Comunicação Organizacional, Comunicação Institucional, Comunicação Corporativa, Comunicação Empresarial, Comunicação Estratégica, Comunicação Integrada... São várias designações que encontram já hoje definições e tratamento científico no âmbito das Ciências da Comunicação e da Gestão, mas que se utilizam muitas vezes indiscriminadamente no meio da prática da gestão empresarial, com as mais diversas tarefas atribuídas.

No que respeita a investigação e produção científica, a revisão de literatura que agora fazemos incluindo resultados de pesquisa aplicada na área que temos realizado, levam-nos a poder concluir que em Portugal, *em termos de produção Científica a estruturação trazida pelo processo de Bolonha proporcionou um aumento de pesquisa e realização sobretudo de dissertações de Mestrado. Também um incentivo aos doutoramentos até por parte do corpo docente ativo com os financiamentos que se geraram* (2012b).

Conclui-se que há trabalho realizado em RP e CO e investigadores empenhados nas áreas. No entanto, o trabalho é realizado independente e autonomamente, aparentemente com desconhecimento dos interesses dos distintos investigadores e da produção científica realizada ao longo do país . Daí resultam investigações isoladas, com focos de interesse reduzido e pontual, por vezes sobrepostas nas várias unidades de investigação, sujeitas a falta de interesse científico dos vários investigadores com projetos individuais em curso.

Confirmamos, com esta investigação, de teor ainda pouco aprofundado, o que já em 2012 arriscávamos afirmar:

Sentimos uma necessidade efetiva de um planeamento das necessidades de investigação, no caso em Comunicação, com vista à conciliação de interesses numa perspetiva de otimização de recursos (2012b)

De salientar que Portugal está agora a ficar mais próximo da Europa integrado na dimensão associativa e na dimensão académica desde que se fez o acordo de Bolonha, ao mesmo tempo que dentro do país os Centros se encontram isolados e dispersos.

As iniciativas que vêm de fora de Portugal poderão começar ajudar a unir os Centros dentro do país, mobilizando-os para pesquisas globais de interesse geral- é exemplo a EUPRERA com o recente estudo Europeu coordenado pela UMinho.

As novas tecnologias e a comunicação digital apresentam-se instrumento facilitador para a interligação e interação entre as unidades.

As associações poderiam ter um papel mais dedicado. O que se encontra nos estatutos não passa à prática. A ligação entre a área académica e a área profissional é praticamente nula.

Temos notado uma nítida falta de interesse por parte da área Associativa perante disponibilidades reiteradamente apresentadas a colaborações académicas e científicas.

Sentíamos maior interação entre as Associações e a Academia quase há três décadas ao iniciarmo-nos nestas lides, quando o interesse genérico com a comunicação nas empresas aparentava ser mais ténue nos primórdios da existência do associativismo.

V Bibliografía

- Libros:

BERNAYS, E. (2005) 'Propaganda'. Lisboa: Editora Mareantes.

CABRERO, J. D. B. & Cabrero, M. B. (2001) 'O Livro de Ouro das RP'. Porto: Porto Editora

CHAUMELY, J. & Huisman, D.(1997)'Les Relations Publiques' (9ª Edição). PUF:Paris

CUTLIP, M. S. (1994). 'The Unseen Power: Public Relations: a History'. UK: Lawrence Erlbaum Associates

_____ (1995) 'Public Relations History: From the 17th to the 20th Century, the Antecedents'. UK: Lawrence Erlbaum Associates.

CUTLIP, S. M., Center, H. A. & Broom, G. M. (1999)'Effective Public Relations' (8ª Edição) New Jersey: Prentice Hall

FONSECA, A.(2011) Instituto Superior da Maia

GRUNIG J. E. & Hunt T.(2003). Dirección de Relaciones Públicas. Barcelona:Gestion 2000

THAYER, L. (1976)'Comunicação: fundamentos e sistemas na organização, na administração, nas relações interpessoais'.São Paulo: Atlas, 1976.

- Artículos de revistas o periódicos

CARDOSO, O. , (2006)'Comunicação empresarial *versus* CO: novos desafios teóricos'. RAP Rio de Janeiro 40 (6):1123-44

KUNSCH, M. (2014)'A Função das RP e a prática comunicacional nas organizações' pt.scribd.com/.../Kunsch-Margarida

MATEUS, A. (1989)'O Ensino das RP em Portugal - A realidade em 1989'.3º Congresso Europeu de RP (CERP). Maio, Lisboa, Portugal.

_____ (1999) 'RP em hotelaria - uma perspectiva da qualidade'.Revista de Estudos Políticos e Sociais,UTL

_____ (2012b) 'Comunicación organizacional y relaciones públicas. Distintas perspectivas de la universidad en Portugal y Brasil. Una primera aproximación'. Revista de Comunicación da la *SEECI Madrid*, Universidad Complutense.**Madrid**, España. ISSN:1576-3420 www.seeci.net/cuiciid/

_____ (2013)'A comunicação digital na comunicação integrada nas organizações - as mais-valias das novas tecnologias' in *Redes Sociales y lo 2.0 y 3.0*. Cap. VII Editorial Visión Libros. Madrid, España, Papel y ebook.: www.visionlibros.es; www.terrabooks.com. ISBN: 978-84-15965-82-4

_____ (2014) 'Relações Públicas e Comunicação: Portugal - um cantinho na Europa'. in *Líneas emergentes en la investigación de vanguardia*. Ed. McGraw Hill. Col. 'Ediciones Universitarias' Coord. Angélica MENDIETA RAMÍREZ y Clara Janneth SANTOS MARTÍNEZ. **ISBN: 978-84-4819-741-4; e-ISBN: 978-84-4819-734-6**.

PATO, A. (2009) 'O Papel do RP na sociedade contemporânea - nascimento, percurso e futuro da actividade' .Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PUTMAN, L.(1982)'Paradigms for organizational communication research: an overview and synthesis. *The Western Journal of Speech Communication*, v. 46, n. 2:192-206

RAMALHO, A. (2010)' Comunicação Empresarial`- Revista da APCE, 36

REDDING, W.C. e Tompkins, P.K. (1988) 'Organizational communication: past and present tenses',in G. Goldhaber e G. Barnett (eds.), *Handbook of Organizational Communication*, New York, Ablex

RUÃO, T. (2004) 'O estado da arte em CO.1900 - 2000: um século de investigação'.UMinho, CECS

SOBREIRA, R. (2010) 'Os profissionais da comunicação estratégica das organizações em Portugal- em busca de identidade profissional e reconhecimento'. FCSH, UNL.

SOEIRO, A. (2003)'RP em Portugal - Uma Profissão Mal Amada - ... O Paradoxo de uma Profissão'...

_____ (2007) 'Um Pedaco da História. Conversa Com Avellar Soeiro, Pioneiro das Relações-Públicas em Portugal'

VAN RULER, B.; VERČIČ, D. (2002) 'The bled manifesto on public relations'. Ljubljana: Pristop

_____ (2003) 'Perspectivas Europeias das RP'. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umespa. 24(39), 155-172.

- Actas de congressos

MATEUS, A. (1989) 'O Ensino das RP em Portugal - A realidade em 1989'. 3º Congresso Europeu de RP (CERP). Maio, Lisboa, Portugal.

WEINSTEIN, D. (1983) 'As RP em Portugal'. In Relations Publiques, Facteur de Communication Sociale. Lousã: CERP.

- Fuentes electrónicas:

FERRARI, M.A.(2009) 'A prática das RP'

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/.../1058>

KUNSCH, M. (2014) 'A Função das RP e a prática comunicacional nas organizações' pt.scribd.com/.../Kunsch-Margarida

MATEUS, A (2012) 'Estudo comparado sobre o "estado da arte" da CO e das RP entre Portugal e o Brasil - Uma primeira abordagem` - PD.USP, SP

<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/webform/projetos/pos-doc/AFFM.pdf>

Bolonha em Portugal e a reforma do ensino superior. 2010 www.mctes.pt

Biblioteca Digital RepositoriUM- Universidade do Minho

Universidade Fernando Pessoa - Repositório on line - Biblioteca digital

<http://www.apecom.pt/>

<http://www.mctes.pt/>

- Tesis y Disertacionés

MATEUS, Anabela, (1999) 'Relações Públicas em Hotelaria - Uma perspectiva da Qualidade'. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Lisboa, ISCSP, UTL, 1997. Pub. na Revista Estudos Políticos e Sociais, ISCSP, UTL, Lisboa

PATO, A. (2009) 'O Papel do RP na sociedade contemporânea - nascimento, percurso e futuro da actividade'. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

RUÃO, T. (2004) '*O estado da arte em CO.1900 - 2000: um século de investigação*'. UMinho, CECS

SOBREIRA, R. (2010) 'Os profissionais da comunicação estratégica das organizações em Portugal- em busca de identidade profissional e reconhecimento'. FCSH, UNL.

TERRA, C. (2006) 'Comunicação Corporativa digital: o futuro das RP na rede'. Universidade de São Paulo. ECA.